

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1906

N.º 167

Pelo passado



Grupo tirado no Porto quando se inaugurou a ponte D. Maria Pia

Da esquerda para a direita: — Rangel de Lima, Gervasio Lobato, Magalhães Lima, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, Albino Pimentel.

CHRONICA



odos os annos, na epoca das matriculas, a Universidade de Coimbra hospeda nas suas cinco faculdades alguns rapazes brasileiros que aos estabelecimentos similares de educação superior preferem a avósinha dos salgueiraes do Mondego com os seus costumes archaicos, as suas tradições medievais, as suas ruas sempre sujas e as suas raparigas sempre limpas, sempre graciosas e sempre bem falantes.

Pormenor curioso e que tem sua importancia: muitos d'esses rapazes matriculam-se, envergam a capa e a batina, frequentam as aulas e não raro, só passados dois ou tres annos, vimos a saber-lhe da nacionalidade. Até o *soutaque* autochthono nos escapa n'esse meio amavel que não distingue fortunas, castas ou nacionalidades.

Não conheço na Europa, e varias vezes a percorri, quem melhor do que o estudante da minha terra receba o forasteiro. Se algum reparo nos merece o estrangeiro que vem sentar-se ao nosso lado, traduz-

se elle em especial carinho, em attentões captivantes, deferencias particularissimas que não tardam em suavisar ao expatriado a nostalgia da sua terra. Com expansiva satisfação recebemos a visita, offerecemos hospitalidade e aceitamos a camaradagem dos que veem aquecer-se á nossa lareira intellectual e commosco permutar idéas nas longas noites de inverno, quando a luz mortíca da iluminação publica mal precata o transeunte contra os escorregadios declives da Lusa-Athenas, e a chuva, em grossas bategas, afugenta das iscas, do verdasco, da lampreia e das Aspasias a esturdiã academica.

O que são esses serões inolvidaveis, n'uma idade e n'um meio que não consente a mentira porque as intelligencias e os caracteres mutuamente se fiscalizam, não ha penna que o descreva. No quadro ficaria diluida a propria substancia dos nervos, e no torvelinhar da existencia de hoje pela conquista do pão, tal dispendio de forças anemicas para os que entraram definitivamente no rol dos homens serios não seria compensado pela gloria fugidia de uma formosa pagina litteraria.

São agapes para que se não encontra um *simile* bastante suggestivo, deixando no espirito do leitor uma impressão aproximada da realidade. O estudante que todos conhecemos, fóra das antigas cidades escolares como Coimbra, Salamanca, Santiago de Compostella, Heidelberg, Iena, Oxford e Cambridge, é por via de regra um pequenino burguez, relativamente pacato, circumspecto, reprimindo o riso, disciplinando a alegria, afeito de muito cedo a um convencionalismo hypocrita, macaqueando o homem serio, sem cenáculos, sem roda, sem ambições mentaes e limitando o seu temperamento bohemio a uma que outra noite de ressaça. De resto, a dispersão fatal das grandes cidades, a diversidade no trajar, trazendo a differenciação entre o pobre e o rico, a convivencia limitada ás horas de aula, excluem o *espirito de corpo*, essa afinidade, essa cohesão, essa penetração intellectual que, desde a escola, selecciona o bom e o mau, o justo e o injusto, o genial e o mesquinho, o sublime e o reles. Ora Coimbra, pequenina como uma caixa de amendoas, saturada de philosophia e letras, onde todos se conhecem, onde todos são visinhos, onde todos vestem o mesmo trajo, onde todos riem de tudo, onde não ha Budha, Confucio ou Brahma que escape á troça ou á analyse, imprime realmente ao seu escolar um feitiço viril, democratico, inconfundivel no meio da humilhação ambiente.

Accudiram-me estas reflexões quando li nos jornaes brasileiros o discurso com que o dr. Pinto da Rocha, um brasileiro illustre, saudou em Porto-Alegre, sua terra, os officiaes da canhoneira *Patria*. Não sei se erro chamando-lhe *canhoneira*, mas tem-se chamado tanta coisa áquelle brinquedo do sr. Croneau, que não é demais que por nossa vez a chirmemos. Ao que parece o navio é como aquelle canivete das sete applicações, armando em couraçado, cruzador, aviso, torpedeiro, caça torpedeiro, vedetta e transporte, conforme é preciso. Seja como fór, para o Brasil é um pedaço da terra portugueza e, como tal, amado e respeitado.

O discurso a que alludo é uma joia litteraria e uma das apothoses mais eloquentes que temos lido ás nossas glorias, ao nosso céu, á nossa terra. Um portuguez com muito talento e um grande amor patrio difficilmente diria coisas tão bellas. No entanto, o orador é um brasileiro, brasileirissimo, politico até á medulla dos ossos, deputado, e, o que mais é, rio-grandense, da raça mais viril, mais independente de quantas povoam o Brasil.

Será... mas levou de Coimbra o *virus lusitanus*, que nunca perdeu, que jámais perderá!

Conheci Pinto da Rocha em Coimbra. Pertenceu, se não me engano, ao curso do Christiano de Sousa, do Alvaro de Vasconcellos

e do Magalhães Bastos. Era um orador brilhantissimo, aliando uma grande correção academica á torrencial facilidade e ao impeto irresistivel dos oradores brasileiros. Tinha momentos de verdadeira eloquencia no meio das banalidades e dos narizes de cera que todos os oradores, sem excepção, vão instinctivamente capitalizando. Se mais aclamado e festejado não era, provinha a culpa da Academia que obrigando-o constantemente a falar o obrigava tambem a repetir-se.

Alem de orador notavel, Pinto da Rocha manifestava uma decidida vocação para o theatro. Possuía todas as qualidades do comediographo: o engenho, a carpintaria, o dialogo. Lembro-me muito bem de que chegámos a ensaiar uma comedia sua em tres actos — *A varanda da moreninha* — cujos scenarios, por signal, eram pintados pelo Quin Martins, o lendario e bondosissimo Quin Martins, que toda Coimbra ama e admira.

Foi o Pinto da Rocha quem me apresentou á Academia n'um celebre sarau em que recitei pessimamente uma poesia de Luiz Guimarães pae. Estou em crer que o Pinto da Rocha me quiz entalar, apresentando-me como *esplendido diseur*! Patife! Certo é que a Academia esqueceu os versos para apenas registrar o atrevimento do atrevidissimo caloiro, que sempre fui. Quanto mais os mariolarias, mais eu berrava, impavido, os formosos versos de Luiz Guimarães. E disse-os todos, todos. No dia seguinte era um caloiro celebre.

Mas Pinto da Rocha sentia profundamente a nostalgia da patria. O seu temperamento, os seus dotes atravam-no para a vida politica, e a nascente republica parecia-lhe o ambiente ideal para um rapaz novo cheio de talento, de aspirações, de ideias. Como brasileiro, que podia elle ser em Portugal? Muito querido, amado, respeitado... nada mais. Isto mesmo me dizia elle, em expansivas e demoradas confidencias, e já se via deputado, ministro, presidente da republica.

Eu, que n'esse tempo bebia diariamente, como desenhado, o sangue do ultimo dos reis pelo craneo do ultimo dos papas, animava-o, incitava-o. Mordia-me até uma pontinha de inveja quando olhando para o mappa via o Brasil tão grande, tão grande, e Portugal tão pequenino. "Um homem celebre n'aquelle paiz deve ser enorme!", pensava com os meus botões, enquanto a imaginação saudosa do meu amigo se perdia nas campinas do Rio Grande do Sul, galopando como os corceis que em interminaveis manadas retoçam na herva tenra dos prados naturaes.

Um bello dia Pinto da Rocha partiu. Eu fiquei ainda em Coimbra, estudando, clamando, conspirando. N'esse tempo toda a gente conspirava. Veiu o *ultimatum*. A minha geração comprometteu-se toda na republica. Entramos na fornalha a valer, com o bello impeto dos vinte annos, e, sem modestia, com as aptidões e os talentos de uma geração predestinada para vir a ser alguma coisa. Nada fomos. Contos largos que não vem para o caso! Enchemo-nos de querellas inuteis, fizemos sacrificios que ninguem agradeceu, expatriaram-se uns, outros foram para a cadeia, e a grande massa do paiz deu-nos na classificação zoologica a honrosa categoria de *pedaços d'anno*. Enquanto nós gritavamos "*Le jour de gloire est arrié*", o paiz bradava "*Le jour de l'avoine est arrié*".

Quando, um bello dia, caí no Brasil, procurei logo o Pinto da Rocha. "Esse, sim, que é feliz!", dizia eu de mim para mim. Com o seu talento, com a sua actividade, com a sua evidente superioridade, é impossivel que n'um paiz tão grande não occupe uma situação excepcional. E pensando na modestia do torrãozinho portuguez concluiu: "Qual! n'aquella piolheira é impossivel!".

Decorreu um anno. Reunia-se o parlamento federal. O Pinto da Rocha vinha deputado pelo Rio Grande do Sul. Fui visital-o ao hotel. Abriu-me os braços e apertou-me demoradamente contra o coração sem poder falar. Depois, muito pallido, fez-me sentar ao pé de si, e dos seus rasgados olhos negros, uns olhos lindos, duas lagrimas muito grandes foram escorregando até sumir-se no bigode farto. Quiz saber da sua vida, das suas glorias, dos seus triumphos. Interrompeu-me logo ás primeiras palavras. "Fala-me de Portugal, de Portugal!", exclamou, quasi supplicante no tom de quem pedia uma esmola. Fiz-lhe a vontade, e novamente deante d'elle deslizaram as cidades, os campos, as aldeias, os passaes, as ermidinhas, a simplicidade bucolica, o encanto ingenuo das coisas da minha terra. Mas elle queria mais, ainda mais. Com assombro notei então que a sua nostalgia de Portugal equalava a nostalgia que outr'ora sentira pelo Brasil, e quando, já intrigado, voltei a perguntar-lhe pelas suas glorias, pelos seus triumphos, pela sua situação, de novo me interrompeu com um sorriso triste, e murmurou:

— Fala-me de Coimbra e do Mondego. Fala-me das tricanas.

E falei; e contei; e recordei.

Ah, terrivel *virus* coimbrão!

CUNHA E COSTA.

Centenario de Bocage

As festas em Setubal

As festas em celebração do primeiro centenario de Bocage, realizadas na cidade de Setubal que lhe foi berço e que guardou sempre pela memoria do grande poeta um culto respeitoso, tiveram na sua simplicidade toda a imponencia que revestem sempre as homenagens justas prestadas ao genio. Bocage foi em verdade um extraordinario espirito, e se a sua obra não teve a grandeza da de Camões, é porque outras eram a epoca e a sociedade em que elle viveu.

O *Brasil-Portugal* que no seu ultimo numero dedicou umas poucas de paginas a Bocage, completa hoje essa homenagem, reproduzindo tudo o que a objectiva do seu collaborador photographico ponde arrancar ás festas de Setubal, que principiaram pela collocação solemne de uma lyra na base da estatua do poeta e terminaram com a representação de gala da peça original do sr. Arthur Lobo d'Avila, intitulada *O coração de Bocage*. Durante cinco dias Setubal viveu da gloria do poeta, celebrando a a proposito de tudo. Poderia ter maior realce esse centenario, se o celebrasse uma grande capital, mas nunca poderiam ter sido mais entusiasticas essas festas do que foram as da linda cidade banhada pelo Sado, sobretudo pelo seu caracter essencialmente popular.

Na casa onde o poeta nasceu, uma pequena casa que fica na rua de S. Domingos e de que demos uma gravura no ultimo numero, collocou-se uma lapide. Essa casa tem tambem uma historia. Ha uns dezoito annos foi á praça e comprou-a o sr. Manuel Joaquim da Costa para um empreiteiro francez que então estava em Portugal, onde realison algumas emprezas, o sr. Edmond Bartissol, e que hoje é deputado na camara franceza. Esse proprietario mandou a reparar e depois fez doação d'ella á municipalidade de Setubal, apenas com a condição de ser ali instalada ou uma bibliotheca ou uma escola. Instalou-se uma escola, a de S. Sebastião que ainda lá funciona.

Outra lapide foi tambem collocada na casita onde o poeta morreu na travessa de André Valente, em Lisboa, e foi essa cerimonia a unica com que Lis-

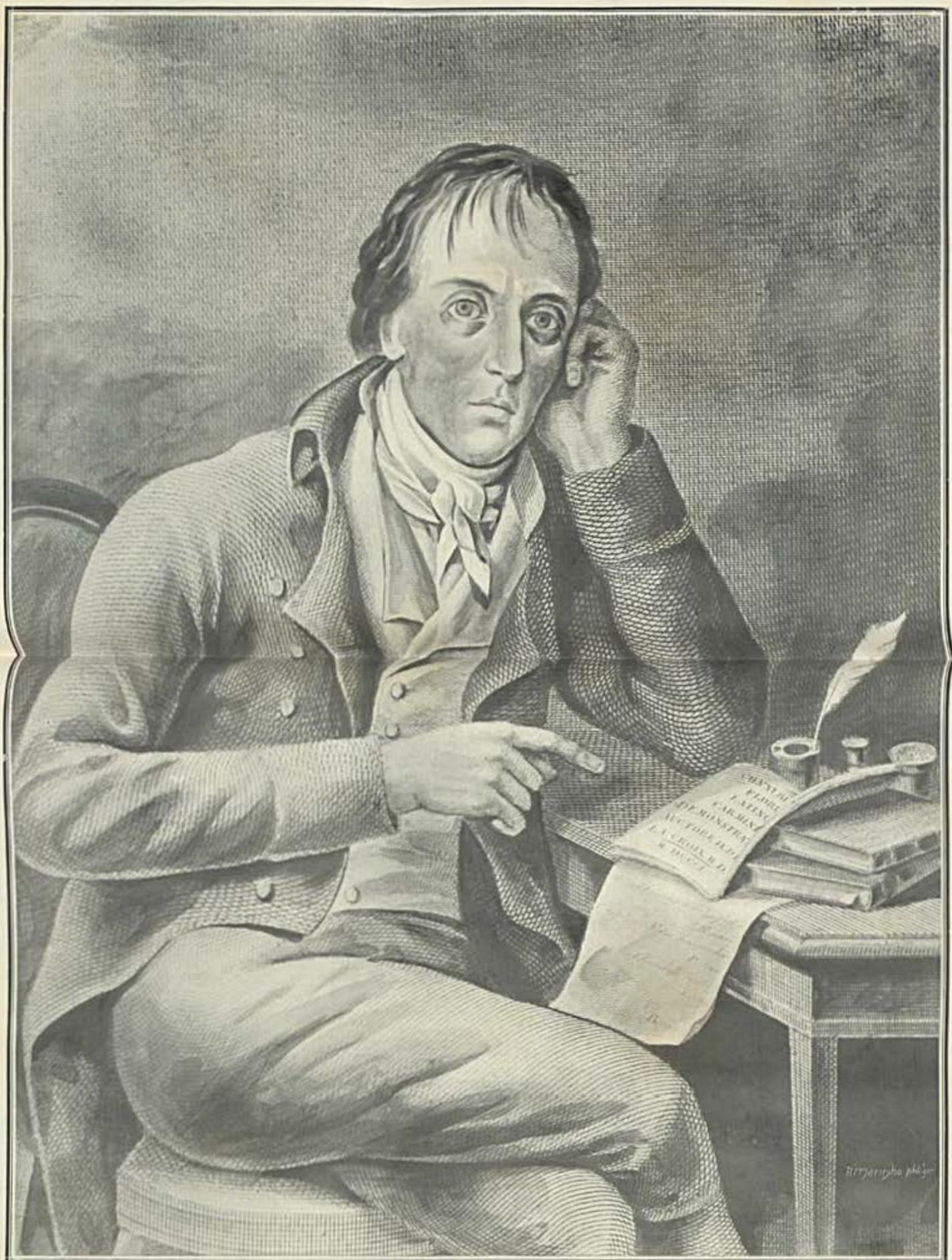
Vista geral de Setubal



Casa em que Bocage nasceu na rua de S. Domingos, n.º 10, 1.º



Descerramento da lapide no monumento da praça Bocage, em 21 de dezembro, por Theophilo Braga



O poeta Manoel Maria de Barbosa du Bocage



O carro da cidade de Setúbal, que tomou parte no cortejo do dia 21 de dezembro

boa celebrou o centenário de Bocage, cerimonia, simples, rapida, e que passou quasi despercebida da população. A's tres horas da tarde, reuniu-se a vereação lisbonense na travessa que fica ao pé da calçada dos Paulistas e em frente do predio 23, o seu presidente o conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco que foi no seu tempo um poeta distincto, descerrou a cobertura da lapide que fôra collocada á altura do terceiro andar d'essa modesta casa onde Bocage á hora da morte para incutir coragem aos que lhe cercavam o leito, dizia que soubesse morrer quem viver não soubera. Essa lapide diz:

*A 21 de dezembro de 1805
falleceu n'esta casa
o poeta
Manuel Maria Barbosa du Bocage*

E, assignado o seguinte auto

Aos vinte e um dias do mez de dezembro de mil novecentos e cinco, pelas tres horas da tarde, n'esta mai nobre cidade de Lisboa e travessa de André Valente, freguezia de Nossa Senhora das Mercês, onde se achava presente o conselheiro de Estado Antonio de Azevedo Castello Branco, digno par do reino, ministro de Estado honorario e presidente da camara municipal, para a inauguração de uma lapide commemorativa na fachada do predio numero vinte e tres e vinte e cinco, onde falleceu o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, e achando-se tambem presentes os vereadores e mais pessoas abaixo assignadas, pelo mesmo sr. presidente foi corrida a bandeira portugueza que velava a lapide e



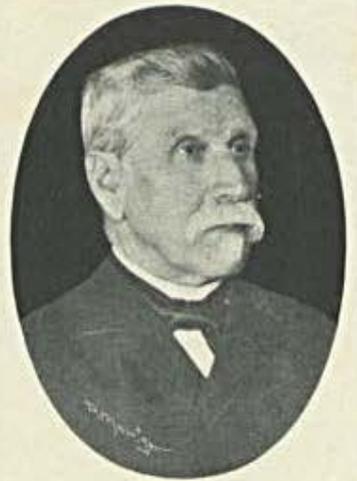
Theophilo Braga discursando na praça Bocage, no dia 21 de dezembro, junto do monumento do poeta

ficando esta patente, viu-se que era de pedra lioz, medindo um metro e dez centimetros de largura por sessenta centimetros de altura, tendo gravada a seguinte inscripção:

*Aos 21 de dezembro de 1805
falleceu n'esta casa o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage.*

por todos os presentes, entre os quaes, um representante da familia de Bocage, o coronel de engenharia Carlos du Bocage, os poucos espectadores d'esta cerimonia debandaram.

A esse tempo Setúbal realisava com o maior entusiasmo um grandioso cortejo civico em que tomaram parte todas as classes, cortejo que, organizado na Praça de Jesus, desfilou através da cidade, n'uma verdadeira marcha triumphal. Figuram n'elle, depois da banda do regimento de infantaria 11 que está aquartellado em Setúbal, os estudantes das escolas officiaes e particulares, ostentando todos, nos casacos, laços das duas côres nacionaes; as associações populares com uma larga representação, na nitida comprehensão da home-



M. M. Portella

O illustre poeta de Setúbal, que muito concorreu para o brilhantismo das festas do centenário



Descerramento da lyra na base do monumento da praça Bocage, no dia 21 de dezembro, por Theophilo Braga

nagem que se prestava; os carros allegoricos alguns dos quaes realmente bonitos, como, por exemplo, o carro da industria setubalense — porque Setúbal é, sobretudo, uma cidade essencialmente industrial — o carro do commercio e o carro do syndicato das conservas, este puxado a duas parelhas guiadas por moços vestindo as fardas da casa do Marquez de Vallada; as sociedades; os bombeiros voluntarios; a banda de infantaria 7, corpo de que Bocage foi cadete; commissão promotora do centenário; officialidade de infantaria 11; um representante do 7; e delegados de varias corporações de Lisboa, entre os quaes o distincto escriptor Theophilo Braga, pela Real Academia das Sciencias.

O cortejo, que partiu da praça de Jesus até a praça de Bocage, passando pelas ruas de S. José, largo de Santa Maria, praça de Quebedo, ruas do Rei e de S. Domingos, ladeira de S. Sebastião, ruas da Misericordia e de Serpa Pinto, atravessou alas compactas de povo, por entre vivas e aclamações ruidosas — toda uma apothose de luz, de vida e de entusiasmo. O dia esteve lindo, o sol illuminava a cidade e espelhava se nas aguas tranquilas do Sado. Das janellas todas apinhadas de senhoras saiam festivas saudações e o povo sempre bom e sempre sincero applaudia emocionado os promotores das festas e glorificava n'uma manifestação pacifica de vigor e de força, a bella memoria de Elmano, o poeta que ali nascera e que tendo vivido perseguido e mal comprehendido, resurgia cem annos depois da sua

morte, para os seus conterraneos e para a historia do seu paiz. Em frente da estatua, o entusiasmo redobra, junca-se de flores o pedestal, desfilam as bandas executando o hymno do centenario, expressamente composto, ficam-lhe de guarda de honra os carros allegoricos, as creanças do orpheon entoam em côro um hymno ao poeta Sadino, e o Dr. Theophilo Braga desvenda a lyra e a corôa collocados aos pés da estatua, depois de um rapido discurso pondo bem em relevo a alta significação d'aquelle acto. A lyra traduz nas quatro cordas que a compõem, a dedicação pessoal, o amor da fa-

N'uma outra sala ao lado ha tres riquissimos estandartes de seda, um roxo e os restantes azues e brancos. Um pertenceu ao extinto concelho de Palmella outro ao antigo batalhão da guarda nacional de Setubal, e o ultimo é a actual bandeira da camara municipal.

E por ultimo o espectáculo de gala no theatro, cujo aspecto era lindissimo, e ao qual assistiram representantes do Chefe do Estado e pelo governo dois ministros, o do Reino e o da Marinha.

Deve ainda ficar registrado n'esta resenha das festas do centenario, que alguns dos poetas mais brilhantes da actual ge-



O cortejo no dia 21 de dezembro

milia, o amor da patria e todo o impulso pelas idéas nobres, e ao pé d'ella fica bem a corôa de louro que é a consagração de Bocage.

O carro da comissão organisadora das festas e o carro do commercio foram ambos obra do pintor João Vaz, filho de Setubal. O primeiro tinha uma figura allegorica da cidade, sentada, com a seguinte divisa: *Ditosa patria que tal filho teve.*

No carro do commercio, via-se sobre uma pyramide, um plabo, no cimo do qual está a figura symbolica do commercio, um Mercurio.

Figurou tambem um carro da associação dos soldadores, cuja ornamentação se baseava na quadra do poeta:

Quando a velha antiguidade
Aqui n'esta casa entrou
Disse áquelle canapé:
Sua benção, meu avô.

No fundo do vehiculo erguia-se encimado pelo busto do poeta uma estante com as suas obras originaes e traduzidas, e em frente um canapé.

A' noute houve illuminações e entre muitas outras conferencias populares sobre Bocage, a sua vida e a sua obra, feitas por varios escriptores, sobressaiu uma do Dr. Theophilo Braga que foi sempre um admirador entusiasta do poeta, sobre o qual tem ha muito publicado um estudo deveras interessante. Houve ainda uma sessão solemne nos Paços do Concelho que tem um salão enorme e de certo valor antiquissimo, assim descripto por um visitante:

A sala nobre, que é amplissima, e enjas paredes estão revestidas de ricos azulejos do seculo XVI e de pinturas de auctores ignorados, mas perfeitas, encontra-se convenientemente disposta, tendo as janellas e portadas revestidas de magnificos reposteiros, que lhes dão uma apparencia severa e grave.

Sobre a cadeira presidencial ha um quadro representando a Immaculada, ladeado por mais dois com os retratos da Rainha senhora D. Amelia e de El-Rei D. Carlos. Sobre um pedestal ha tambem na sala um busto em bronze do desventurado monarcha *Bem-amado*, de El-Rei D. Pedro V. Ao fundo ha um altar onde os antigos vereadores prestavam juramento. Sequestram-no aos olhares indiscretos duas portas, cuja face interior é revestida de varias pinturas e altos relevos, imitando charão. A execução d'essas pinturas e d'esses relevos é d'uma perfeição inexcelsa.

ração escreveram poesias dedicadas a Bocage, que foram lidas pelos membros da commissão e que, promovida pela Associação das Classes Laboriosas de Setubal, se inaugurou uma exposição artisticamente interessante, de telas e obras setubalenses. Ao lado da collecção interessantissima de quadros do Morgado de Setubal, em numero de dez, veem-se telas de Agostinho Alves, Antonio Francisco Teixeira, João Eloy, José Maria da Silva, Francisco Augusto Flamengo e João Vaz, que firma uma representando a fachada do Convento de Jesus, na occasião da saida da missa.

A Arte nas suas manifestações mais puras, a pintura e a poesia, associaram-se ás festas em honra de Elmano, o immortal!

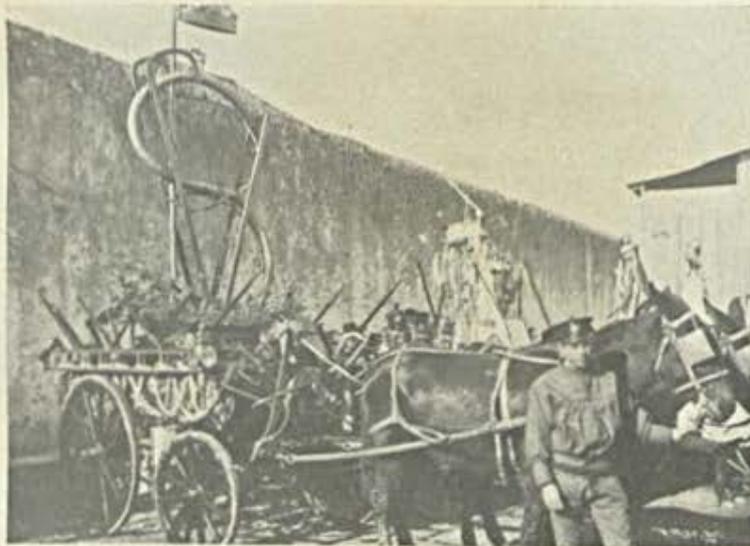


Carro do commercio de Setubal

O marquez de Pombal e o caso de Lagos

Entre as glorias do marquez de Pombal, lenda e historia lhe attribuem a de ter exigido e alcançado ampla satisfação do governo britannico, pela violação de nossas aguas, em um combate com os francezes na costa do Algarve. Mais ainda: a tradição rememora os termos altivos do protesto; e um falsario accendeu enthusiasmos, até hoje perduraveis, compondo as tres famosas cartas a lord Chatham, que muito tempo passaram pelo texto exacto das notas, em que o governo portuguez enunciara a reclamação. A historia já de ha muito julgou esse escripto, que, a não ser apocrypho, bastaria, diz um publicista nosso, para destruir a reputação de Pombal; mas ainda existe a crença de que, graças á altivez do ministro, foi cabal a reparação e soberba a nossa attitude ante a outra parte offendida. O exame dos factos talvez mostre não ser exacto o conceito.

Em agosto de 1759 o almirante Boscawen accommetteu em frente de Lagos as forças navaes francezas, que do Mediterraneo vinham juntar-se ás do norte, para um ataque projectado ás costas de In-



Carro dos bombeiros de Setubal

laterra. A batalha foi desfavoravel áquellas. Boscawen incendiou-lhes tres navios, aprisionou dois, e os restantes somente escaparam á destruição pela fuga.

No ardor do combate, os inglezes perseguiram o inimigo desarvorado até perto dos nossos fortes. Segundo a versão franceza, alguns tiros da esquadra de Boscawen attingiram as muralhas. Dois homens do campo foram mortos no litoral por balas perdidas. Este caso de Lagos, como foi designado, ia pôr em serios embaraços o governo portuguez.

O commandante francez refugiara-se no porto, com as tripulações que dos navios perdidos conseguiram salvar-se nos bateis. Se bem que recebessem alli carinhoso tratamento, que Luiz XV mandou agradecer pelo seu embaixador, conde de Merle, na mesma occasião protestou este contra a offensa feita á neutralidade. Do attentado resultara damno á sua nação. Desejava por isso saber quaes as intenções da côrte de Lisboa, ante a violação das aguas territoriaes, e o insulto ás baterias pela esquadra britannica.

Mais de um mez tinha passado sobre o acontecimento, não obstante o quê, D. Luiz da Cunha respondeu que ia communicar o facto ao rei, e receber suas determinações. Decorreram mais vinte dias, e então communicou ao conde de Merle que o governo conhecia o succedido, fizera as reclamações usuaes, e esperava receber completa reparação.

Falando d'esta sorte o secretario de estado sabia já com que reparação lhe era licito contar: Era nosso ministro em Londres Martinho de Mello. Os termos da sua reclamação não vieram a lume. Eram talvez instantes: precisava o governo responder ás exigencias da França. Energicos, no sentido que toda a gente suppõe, isto é, comminatorios, absolutamente não foram. Tudo o que em seguida se passou auctorisa o asserto.

A verdade é que na Inglaterra foi maior o sobresalto do



Carro dos pescadores de Setubal

que a emoção em Lisboa. Pitt, o soberbo ministro, veio ao encontro das queixas offerecendo satisfação. E' o que se collige do seu despacho secreto, de 12 de setembro ao ministro em Lisboa, Mr. Hay. Pitt não conhecia os factos senão pela rama. Desconfiava terem-se dado *circumstancias infelizes*, e mencionava que, pela falta de informações, era grande a ansiedade do soberano da Inglaterra. Queria saber se "os navios de S. M. teriam respeitado assás as costas de Portugal; se os barcos francezes não seriam destruidos com offensa da jurisdicção territorial de S. M. F.,"

D'aqui se depreheende que o ministro em Lisboa não fizera immediata participação dos acontecimentos, com seus pormenores. Ou ignorava estes, ou lhe pareceram de somenos importancia. Não recebera portanto queixa alguma do governo portuguez. Teria n'esse tempo Martinho de Mello apresentado qualquer reclamação? O despacho de Pitt exclue essa hypothese. Tudo leva a crer que só as representações de Merle moveram o governo portuguez.

Pitt receava ingenuamente agravar quem se não sentia aggravado. Não que o escrupulo de offender a neutralidade obrasse em seu animo. Mas, irritado pela affronta, seduzido com promessas, Portugal poderia lançar-se nos braços da França. E não iria isso affectar a sorte da guerra? Pensando n'isso, applicou-se a terminar sem attritos o incidente desagradavel.

Ordenou pois ao ministro Hay que apresentasse á côrte de Lisboa toda a especie de desculpas; que affiançasse a amizade e a consideração do monarcha britannico, e offercesse toda a reparação compativel com o decore. Na inquietação do primeiro momento accrescentava: "Se as circumstancias do aggravamento forem de sufficiente magnitude, tamanho desejo sente o rei de dar a mais publica e ostensiva satisfação ao soberano de Portugal, que não terá duvida, penso eu, em lhe mandar para esse effeito uma embaixada extraordinaria. Declarava todavia que, em nenhum caso, consentiria o governo em restituir as presas, ou desapprovar os actos do almirante. Se em tal

lhe falassem, respondesse Hay "dizendo o bastante para de vez fechar a porta a todas as expectativas."

Apaiado por Hay sobre a proposta, lisongeira para a vaidade,



Carro dos soldados de Setubal

da missão extraordinária, Pombal imediatamente aceitou. No mesmo instante mandou cessar as reclamações. Quando a notícia de vir a Lisboa o embaixador foi oficial, D. Luiz da Cunha que, como se sabe, copiava as minutas do primeiro ministro, congratulava-se, em um despacho, com Martinho de Mello, pelo acerto do governo, em ter mandado antes interromper as protestações.

Entretanto continuava Merle a reclamar, e o desembaraço, com que os ingleses se consideravam entre nós em terra própria, dava-lhe motivo a queixas novas. Em Faro o consul entendia-se com os navios de guerra, para entrarem no porto, em ameaça a um barco francez que descarregava. De Vianna do Castello alguns ingleses saíram ao mar em quatro chalupas a acommetter um corsario francez, arrebatando-lhe uma presa. E' evidente haver na acção cooperado gente nativa. Tudo isto excitava a irritação em Versailles, e dava azo a protestos, vehementes na forma e ás vezes no fundo ameaçadores.

Com uma escolta de tres navios chegou em março a Lisboa o embaixador extraordinario lord Kinnoul. Merle teve de suspender por alguns dias as reclamações. Mas o proceder dilatorio do governo não podia durar sempre. Em Paris, o ministro Choiseul dirigiu ao nosso representante uma nota desabrida. A's queixas pelo caso dos navios acrescentam já outras, provenientes de desattenções pessoais, de que se julgava victima o conde de Merle. A não ser attendido, o gabinete francez tomaria providencias efficazes para salvaguardar a sua dignidade.

Tinha-se já realizado a solemne audiencia em que lord Kinnoul dera as satisfações. Apertado pelas circunstancias, Pombal dirigiu-se a elle pedindo pela primeira vez a restituição dos navios. Embaraço do enviado, que não viera para tratar de tal. Estupefacção do governo britannico! Pitt não sabia que resposta houvesse de dar a estes, palavras textuaes, *inesperado pedido*. Tanto mais que, "o conde de Oeiras amigavel e confidencialmente lhe tinha declarado que não esperava ser attendido... A Kinnoul dizia Pitt que ladeasse o assumpto, evitando pronunciar-se, e insistisse nas desculpas: a Inglaterra já tinha dado ao soberano portuguez a maxima prova de sua consideração enviando-lhe o embaixador.

Impotente e opprimido entre duas cunhas, forçado a contentar-se com as declarações de lord Kinnoul, e a illudir com evasivas as



Camaristas de Setubal, antes do descerramento da lyra na praça Bocage

as negociações entre a França e Inglaterra corressez mano a mano, fora do congresso. Entretanto mudara a nossa situação para com a Hespanha. Por iniciativa de Carlos III annullara-se o tratado de limites de 1760, no qual existiam condições, que Pombal receava servissem de pretexto á Grã-Bretanha para nos recusar socorro em caso de guerra. Da tempestade, que se preparava para o anno seguinte, nada suspeitava. Acreditava que a derogação do tratado, correspondendo aos desejos dos castelhanos, conquistara a gratidão d'elles; que o cunhadio, existente entre o nosso monarcha e o da Hespanha, era fiança de amigaveis relações. Via porém Luiz XV, desembaraçado de contendores, prompto a agredir-nos. Todos os



Exposição do Gremio Artístico em Setubal, por occasião das festas do centenario

instancias do conde de Merle, Pombal temia que por fim a França nos declarasse a guerra. Não era esse então o proposito de Luiz XV. Cominações e palavras arrogantes não passavam de artificios da diplomacia. Tantos revezes padecidos n'esta guerra, e as circunstancias de angustia do erario, não lhe davam appetite de se envolver em novos conflictos. A paz, em condições accetaveis, era o a que aspirava. A menos que lograsse attrahir a Hespanha a uma alliança, que restabelecia o equilibrio das forças em lide.

Em 1761 o gabinete francez manifestou desejar a paz. Intervieram os neutros, e propoz-se um congresso em Augsburgo, para os ajustes; mas Choiseul, caviloso, insinuou, e conseguiu afinal, que

actos da diplomacia portugueza, n'este periodo, se subordinam a esta preocupação.

Primeiramente cuidou de confirmar a alliança da Inglaterra. Era tarefa do nosso ministro em Londres convencer aquella côrte de que, ainda subsistente o tratado com a Hespanha, as garantias exprimidas no de Utrecht, se achavam em vigor; que, porém, revogado aquelle, qualquer fundamento, com que o governo britannico pretendesse illudir suas obrigações, com maior razão seria baldado.

Obtida por Martinho de Mello a desejada segurança, Pombal respirou. Pretendeu então que fosse Portugal admittido ao con-

gresso da paz. Esse anelo não lh'o attenderam. Teve de contar-se com a declaração, satisfactoria para a vaidade nacional, de que tambem a Hespanha, a Hollanda e a Sardenha não seriam admittidas. Solicitou então que, ao menos, se ajustassem ali as di-



Administrador do concelho de Setúbal. — No cortejo

vergencias com a França. Tambem não conseguiu. A' Grã Bretanha convinha negociar só por si, e livremente, para não sacrificar alguma das vantagens colhidas na guerra. Desconsolado notava Pombal o egois no da Inglaterra, arbitro dos mares "que (dizia) nada receia de Portugal, que se não poderá jámais unir a outra potencia contra os interesses britannicos. Tão ancioso estava que já offerencia revogar, em favor dos inglezes, a antiga lei prohibitiva da saída do ouro. Comtante que se incluísse a garantia do territorio portuguez no tratado de paz, e declarasse a Inglaterra agravo proprio qualquer offensa ao seu aliado.

Assentado entre França e Inglaterra negociarem entre si fóra do congresso, as instancias do nosso governo variam tambem. Pombal insinua que no pacto se estipule que pelos navios capturados até certa data não haja reivindicações, nem mesmo contra terceiros; que a França renuncie a qualquer procedimento, pelas occorencias nas costas do Algarve.

A fórma instantane das solicitações, o gradual decrescer das exligncias, as promessas e argumentos com que busca mover a indifferença da Grã Bretanha, tudo patenteia o terror, que n'esse pe-

riodo assoberbava o ministro. Debalde tentava elle estimular o zelo do aliado, suggerir lhe motivos de interesse ou gratidão. Apontava-lhe a inveja das nações, pelas grandes vantagens, que ao commercio inglez conferia Portugal. Recordava os esforços da França, as publicações feitas ali e na Hollanda, com o fim de illuminar o nosso governo e leval-o a repudiar a amizade britannica. "Nada d'isto, observava, fez impressão no animo do rei. Mas o que mantem S. M. n'este systema é o interesse de conservar a antiga e efficaz aliança da Grã-Bretanha. D'ahi passava a descrever a dependencia em que a prosperidade d'aquelle paiz se achava de nós. Lembrava quanto a estagnação dos negocios, consequente ao terramoto, fóra ali duramente sentida. Se tardavam as frotas do Brasil, logo subia o preço do ouro na bolsa de Londres. Tudo isto eram razões que o governo britannico devia ponderar, e por ellas resolver-se a resguardar seus interesses, defendendo-nos a nós.

Ao passo que o governo portuguez nada conseguia do seu aliado, Chriseul via realisado seu plano de induzir Carlos III a romper com a Inglaterra. Declarada a Hespanha, Portugal offerencia lhe vantajoso campo de batalha. Em junho de 1761, Chriseul deixa entender, n'um despacho, que alguma coisa machinava para nosso damno, de concerto com a Hespanha. "O tempo e os successos —



A casa em que nasceu Bocage — engalanada — em Setúbal, r. de S. Domingos, n.º 10. No dia 21 de dezembro

dizia elle — hão de fazer que os portuguezes se arrependam do seu procedimento. Em julho manda cessar as reclamações sobre os navios capturados, "por isso que para o governo portuguez não existem justificações. Já então um simples encarregado de negocios representava a França em Lisboa. As relações diplomaticas assumiam um caracter cada dia mais acerbo. Caminhava-se a



Sala da Camara Municipal de Setúbal

passos rápidos para o *Pacto de família*. A 15 de agosto assignou-se este em Paris.

O projecto de aggressão a Portugal, que lhe foi accrescentado, era obra de Chriseul, que, por esse meio, enfraquecia a Grã Bretanha, obrigada a socorrer-nos, e tirava o desforço, pelo qual ha muito anhelava. Na declaração de guerra, ao lado do pretexto affectado, que foi a nossa recusa de tomar armas contra o seu tradicional adversario, lá vinha o proceder, sobre o caso de Lagos, como razão bem fundada. De qualquer modo foi como amigos e aliados da Inglaterra que tivemos de supportar a invasão. Saimo-nos da guerra sem perda de territorios, mas não sem sacrificios e desaires. Salvou-nos de humilhação maior o conde de Lippe, e, mais do que elle talvez, a incapacidade dos generaes castelhanos.

O soccorro, que nos deu o alliado, por amor de quem entravamos em lucta, foi tardio e mesquinho. Sete mil homens de tropas, e o subsidio de um milhão esterlino, conseguido a grandes esforços de Pitt no parlamento, e que não foi pago na totalidade. Neste lance, como em outros, a amizade britannica se manifestou quasi inutil, e além disso perigosa.

A luz da verdade historica, em toda a acção diplomatica, resultante da violação da neutralidade em Lagos, nada se encontra de que para o governo portuguez resulte desvanecimento. Com o offensor, servil e impotente; com a outra parte, directamente lesada, colleante e de má fé, de nenhum modo podia da conjuntura embaraçosa sair-se com honra. A esta situação humilhante a missão de lord Kinnoul presta um brilho enganoso. Mas esse desaparece quando sabemos ser a homenagem concessão espontanea do governo britannico, mal informado sobre os efeitos do attentado, antes de reclamação nossa, e com a restricção, que nos expoz á colera da França, e foi um novo insulto á nossa fraqueza.

Colocados, pela fatalidade das circumstancias, entre dois contendores poderosos, cediamos a um, ilndiamos a outro, e de balde



Assignatura do auto da inauguração da lapide na casa em que morreu Bocage, na travessa de André Valente, n.º 25, em Lisboa, 21-12-905

Politica internacional

Depois de certo numero de difficuldades, que levaram quasi que uma semana inteira a vencer, constituiu-se definitivamente o gabinete liberal inglez sob a presidencia de Sir Henry Campbell-Bannerman.

Apesar de não ter despertado excessivo enthusiasmo no paiz a mutação politica, que acaba de realizar-se, é todavia innegavel que o novo ministerio é muito superior ao que geralmente se esperava. Entram n'elle quasi que todas as personalidades do partido, faltando apenas lord Rosebery para a lista ficar completa. E não só entram n'elle as principaes individualidades, como tambem n'elle estão representados os diversos matizes do liberalismo, desde a extrema direita até á extrema esquerda, desde o imperialista sir Edward Grey até ao socialista John Burns.

Mas é exactamente n'esta composição que está a sua fraqueza. É um ministerio organizado á semelhança do «grande ministerio» de Waldeck-Rousseau, que incluiu membros ultra-radicaes como Millebrand e membros ultra-reaccionarios, como Gallifet.

O ministerio Waldeck-Rousseau era, porém, um governo de occasião, especialmente constituido para resolver a questão Dreyfus e para conter os nacionalistas, cada vez mais ousados nas suas investidas contra a republica. E a prova de que era isso e nada mais, está na sua desagregação logo que a questão Dreyfus se resolveu, e foi votada a lei contra as congregações, isto é, contra a reacção organizada.

A situação actual em Inglaterra é muito outra, e não se comprehende facilmente como poderão harmonisar-se tendencias tão oppostas como as de alguns dos ministros sobre os pontos fundamentais da politica e da administração, como, por exemplo, a reforma da Camara dos pares, a concessão do *home-rule* para a Irlanda, a separação da Igreja do Estado e ainda outros não menos urgentes e importantes.

A não ser na questão do livre-cambio em que todos os ministros



Leitura do auto pelo secretario da Camara Municipal de Lisboa, sr. dr. Pedroso de Lima

impetravamos do primeiro o soccorro material e moral, em que punhamos toda a nossa segurança. Portugal era joguete dos acontecimentos, e á mercê d'elles caminhava. Não lancemos a culpa ao estadista, que nesse tempo era a vontade suprema da nação. Mas é justo tambem não se lhe attribuir por isso gloria.

J. LUCIO D'AZEVEDO.

Não ha cousa que mais quebrante animos e linguas serpentinhas, que largar-lhes o campo com silencio.

FREI LUIZ DE SOUZA.

✕

Um animo nobre, mais se obriga da cortezia alheia, que da vontade propria.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.



Cascaes. — Efeitos de noite

estão de accordo, em todas as demais difficil será encontrar um ministerio mais heterogeneo do que o actual. Além d'isso o gabinete constituido por sir Henry Campbell-Bannerman tem o seu calcanhar de Achilles nas relações com o partido irlandez. Segundo todas as presumpções e conforme o supõem os proprios ministros, o governo não poderá dispensar no parlamento os votos dos deputados irlandezes para ter maioria capaz de o sustentar. Ora esses votos só pôde o ministerio obtel os a troco de concessões, que no fundo hão de representar uma tentativa qualquer de *home-rule*, embora disfarçado. Mas se o governo se inclina para esse lado, como podem acompanhá-lo homens como Edward Grey e lord Rosebery, tão imperialistas como Chamberlain ou lord Lansdowne?

E', como se vê, uma questão grave, que pôde n'um momento dado produzir nova e irremediavel scisão no partido liberal. Veremos como sir Henry Campbell-Bannerman se sahe d'esta difficuldade, que não é pequena nem poderá facilmente ser illudida.

Emquanto á politica externa é indubitavel que o actual governo continuará a do anterior. E' d'isso segura garantia a presença de Edward Grey no *Foreign Office*. Assim a alliança anglo japoneza e a *entente cordiale* com a França continuarão como anteriormente a orientar o procedimento da Grã-Bretanha nas suas relações com as demais potencias. Talvez o actual gabinete procure suavisar um pouco as relações anglo-alleãs, que, como se sabe, tinham nos ultimos tempos adquirido uma perigosa tensão. N'esta direcção, porém, pouco poderão fazer os poderes officiaes se a antipathia entre os dois povos continuar a accentuar-se por virtude da opposição dos interesses d'ambos.

Eis a primeira impressão, que produz a constituição do governo liberal em Inglaterra. O que tem de ser, porém, a vida d'este governo só se pôde prognosticar com segurança depois das eleições geraes, que não podem tardar. Se o ministerio consegue trazer á camara uma maioria compacta, sua e sem dependencia dos votos do partido irlandez, tem o partido liberal diante de si largo e glorioso futuro. Se pelo contrario para poder viver tiver de cortejar os votos dos deputados nacionalistas, o que só conseguirá por meio de concessões, que hão de encontrar forte opposição mesmo dentro do partido, então os liberaes estão perdidos como agrupamento politico, e a proxima subida dos conservadores ao poder é mais do que provavel.

A situação na Russia é cada vez mais grave e nada indica que estejamos proximos do momento de acalmção. Pelo contrario tudo faz presagiar, que novas catastrophes se preparam. Esta revolução russa com os horrores, que dia a dia n'ella se vão accentuando, está destinada a bater o *record* de todas as revoluções até agora conhecidas. Não ha nada que em extensão e intensidade se lhe possa com-

parar. São a'em d'isso umas poucas de revoluções reunidas n'um unico movimento revolucionario. Ha a revolução politica, ha a revolução social, ha a revolução agraria, ha a revolução religiosa, e ha a revolução nacionalista dos diversos paizes conquistados, que aproveitam a occasião para tentarem emancipar-se do imperio. E' por exemplo o que n'este momento se está dando nas provincias balticas da Curlandia, e da Esthonia, que se revoltaram e proclamaram-se independentes do governo de S. Petersburgo. Ao mesmo tempo a revolução propriamente politica continúa, sendo d'esta vez Moscou o centro dos acontecimentos mais terriveis. A proposito da grêve geral, que para aquella cidade estava annunciada, travou-se a lucta entre os grevistas e a tropa, sendo por parte d'esta ultima a repressão desapiadada. O que os correspondentes contam da segunda capital do imperio é simplesmente atroz. Já é com a artilheria que as auctoridades tentam reprimir a revolta, e as scenas de devastação teem attingido tal selvageria, que começa a perguntar-se com certa inquietação se porventura a Europa occidental poderá continuar por muito tempo a contemplar de braços cruzados um espectáculo assim. Em nome da humanidade é preciso que este estado de cousas tenha um rapido fim. A autocracia está morta e bem morta. Para que é pois dar-lhe por sudario um mar de sangue?...

Mas o que faz Witte e o ministerio de que elle é o presidente? Ninguém o sabe ao certo, ou antes todos receiam adivinhá-lo. Tinham-se depositado grandes esperanças no negociador do tratado de Portsmouth, e afinal a desillusão é completa. Ao principio suppoz-se apenas que Witte, collocado entre os revolucionarios e os defensores da autocracia, aguardava o momento opportuno para impôr as suas ideias liberaes e esmagar de vez o predominio da burocracia. Quando muito notavam-lhe a lentidão com que procedia, mas ninguem se atrevia a duvidar da sua sinceridade e muito menos do seu liberalismo. Hoje a opinião geral mudou completamente a respeito d'elle. Não é simplesmente um moderado, que detesta os processos summarios da revolução. E' um reaccionario, pouco mais ou menos como todos os outros, que se lançou nos braços dos conservadores, auctorizando ou ordenando todas as perseguições e todas as repressões sangrentas com que o partido da côrte imagina travar a rôda da revolução. Para se chegar a este resultado não valia a pena fazer preceder Witte de tão retumbante reclame.

E no fim de contas se ao menos assim se podêsse conter a revolução, que se adianta cada dia mais implacavel e mais terrivel! Mas não. A apostasia de Witte sómente terá como resultado o aniquillar o unico homem, que talvez tivesse tido forças para desarmar os revolucionarios por meio de concessões a valer feitas a tempo. Desacreditado este ultimo servidor de Nicolau II a revolução continuará o seu caminho, mas mais impetuosa e mais devastadora. Tanto mais é isto para temer, quanto se nos affigura inevitavel a proxima queda de Witte e a sua substituição pelo conde Ignatiev, quer dizer, pelo representante genuino da reacção, com a dictadura militar e as exe-

Representantes do Brasil no Norte



Antonio Cavares Baslo
Vice-consul no Porto

João Leão Quartim
Agente commercial em Vianna do Castelo

Dr. Alberto Baez Conrado
Consul no Porto

João Maria Rego Junior
Vice-consul em Caminhã

D. Eugenio Augusto Dias Colonna
Vice-consul em Villa do Conde

João Ferreira Las Casas
Vice-consul em Melgaço

Albano Eduardo da Costa Lobo Junior
Vice-consul em Villa Real

cuções em massa. A defeccção de Witte só representará pois a inutilização de um homem de valor, e o advento da catastrophe final, que todos veem approximar-se rmenos a gente que governa a desgraçada Russia.

Publicou-se o *Livro Amarello* francez e da sua leitura resalta com toda a evidencia o odioso papel representado pela diplomacia allemã no incidente de Marrocos. Com a eloquencia dos documentos prova-se que a Alemanha foi prevenida muito a tempo do accordo anglo-francez, e que o ministro francez em Fez nunca apresentou ultimatum algum ao sultão nem nunca se deu por mandatario da Europa. Depois d'estas revelações sensacionaes, em que situação fica collocado o principe de Billow, que do alto da tribuna do Reichstag affirmou exactamente o contrario, e mais de uma vez tem insistido de novo n'essa affirmacção? Não se comprehende semelhante leviandade da parte de quem está revestido de tão altas funcções. E ainda ha quem se admire da desconfiança que em todas as nações se mostra pela politica estrangeira do Imperio allemão?

O contrario é que seria para admirar. Não é deturpando a verdade dos factos, para sobre a versão d'elles assim transtornada justificar um determinado procedimento, que se adquire jus á confiança dos outros. Como prologo da conferencia da Algeiras (se chegar a realisar-se) a publicação do *Livro Amarello* não podia vir em occasião mais opportuna. Veremos a replica, que lhe dá o chancellér do Imperio, que está moralmente obrigado a dizer alguma cousa da sua justiça.

CONSIGLIERI PEDROSO.



Dr. Egas Moniz (Pethion de Villar)

Poeta e homem de sciencia. Como poeta, os seus versos, em allemão, francez e portuguez, grangearam-lhe um nome altamente apreciado nos centros intellectuaes, onde se fez conhecido com o pseudonymo de «Pethion de Villar». Descendente de uma antiga familia portugueza, nasceu na Bahia, e ali se formou em medicina, curso que projecta repetir em Coimbra.

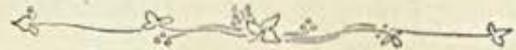
Como homem de sciencia bastará a memoria que ha poucos dias opresentou á Academia de Medicina de Paris para o pôr em evidencia. Essa memoria curiosa refere-se á cura da lepra, e vem acompanhada de photographias de leprosos antes e depois da cura. O dr. Egas Moniz chegou a conclusões satisfactorias estudando as propriedades de alguns vegetaes brasileiros, taes como o «jalahy», o «jarataca» e a «coroba», arbusto que possui propriedades alcaloides muito pronunciadas, e que só se encontra nas florestas do interior da Bahia.

O «Brasil-Portugal» saudá o seu antigo collaborador e felicita o pela sua descoberta que tão grande sensacção está chamada a produzir no mundo scientifico.



Diogo de Medeiros Correia e Silva

É o actual commandante militar de Geba, na Guiné, logar para que foi nomeado depois de haver submettido o gentio rebelde que se oppunha a ser comprehendido no dominio portuguez quando recentemente a commissão luso-franceza ultimou a limitação da provincia. Foi um dos valentes da campanha do Oio, pelo que foi condecorado com a Torre e Espada.



Sur le tombeau de José Maria de Herédia

Hommage des poètes brésiliens

«Heureux qui pour la Gloire ou pour la Liberté,
Dans l'orgueil de la force et l'ivresse du rêve,
Meurt ainsi d'une mort éblouissante et brève!»

J. M. de HÉRÉDIA — Les Trophées.

Le condor dont la foudre a terrassé l'essor,
Et le palmier géant, que courbent les rafales
En roulant de l'azur, par un supreme effort,
Ouvrent dans l'ouragan des ailes triomphales.

Englouti dans la Nuit, sans lune de la Mort,
Tu les ouvres aussi tes ailes augurales,
En laissant après toi, comme une gerbe d'or
Tes fabuleux sonnets aux calices d'opales.

Dors! planant sur l'abine et la nuit et les fanges,
Tes Vers rayonneront gravés sur le portor,
Sertis comme le fer sonore des alfanges...

Heureux qui par le sort royal des Rimes-fées,
En jugulant l'Oubli, comme un Conquistador,
Meurt, dans l'extase, á l'ombre auguste des Trophées.

Paris, le 6 Octobre 1905.

PETHION DE VILLAR.



Um bom salto



Lívro por abrir

Um conto

Arthur e Rosalina eram vizinhos.
Estavam ambos n'essa cidade bella
Em que se tem no ceu risonha estrella
Que beijos manda e rutilos carinhos.

Na tortuosa e solitaria rua,
De dia, as andorinhas adejavam,
De noite, cães famelicos ladravam
Com focinhos voltados para a lua.

Arthur era poeta e Rosalina,
Que tinha um meigo olhar e rosto pulchro,
Gostava do *Noivado do sepulchro*,
Porque era enfim sentimental menina

Não era Arthur um vate deletério;
Pelo contrario, alava-se ao empyreo
A sorver pelo calice de um lyrio
Subtís essencias de um amor ethereo.

Seus pudibundos carmes sibyllinos,
Quer fossem ais de imaginarias dores,
Ou fossem trilos de ideaes amores,
Cabiam no *Thesouro de Meninos*.

Ah! d'este mundo torpe, ó almas ternas,
A musa do lyrismo foi proscripta!
Calou se o rouxinol e só crocíta
O corvo, olhando as podridões modernas.

Como o tempo de Arthur e Rosalina
Do tempo que decorre já differe!
Ah! não se lia ainda o Baudelaire
E não se usava ainda a margarina!

Como era estreita a solitaria rua,
A' noite, os dois das proximas janellas,
Discorriam ácerca das estrellas
E d'uma viajata sobre a lua.

Mas a mãe da pequena, tendo assiso,
De que esta se entregava á astronomia,
Fulminou-lhe uma apostrophe bravia
E esteve em risco de perder o siso.

Clausura-a n'uma alcova, põe cortina
Nas vidraças e adopta outras cautellas.
Para a filha jámais não ver estrellas,
E nem Arthur a candida menina.

Fôra um pharmacopola, um tal Bazilio,
A quem ciume encandecia o peito,
Que por feroz inveja e por despeito
Fez a denuncia do nocturno idyllio.

Cobriram-se de purpura as roseiras,
Choveram margaritas pelo prado,
Os rouxinolés já tinham regressado,
Fendurando as orchestras nas balseiras.

A boga já lubricamente salta
Com impulsos eroticos, bravios,
E divagam as trutas pelos rios,
Mostrando o ventre que o rubim esmaita.

Já deflagram mais calidos affectos
Nas entranhas d'abbades e reitores,
E gosam seus ephemeros amores
No seio das boninas os insectos.

Arthur e Rosalina com auxilio
D'uma astuta creada conversaram
Varias noites; mas ai! não escaparam
A' vigilancia do feroz Bazilio.

Arthur feliz mortal se considera
E canta o seu amor na terna lyra,
Mas o rival indomito conspira
E de o vencer por fim não desespera.

Como nas trevas todo o gato é pardo,
Certa noite a formosa Rosalina
Sob um caramanchel de balsamina
Bazilio abraça e julga ser o bardo.

Estava a noite escura, como um corvo
E Rosalina, a branca, a doce pomba,
Treme de susto, que o trovão ribomba
Pelo horisonte carregado e torvo.

Sob a docel da densa balsamina
O que se deu não sei; mas (coisa rara!)
Arthur então sómente enfeitigara,
Com philtros a candente Rosalina.

Seu coração por modo tal ferira
N'aquella noite a cupidinea seta,
Que só então lhe pareceu poeta
O casto e meigo tocador de lyra.

Quando teve noticia da fallacia
E do muito que ria o tal Bazilio,
Arthur busca n'America um exilio,
Quebrando a lyra ás portas da pharmacia.

Mezes depois (eis a moral do conto),
O Bazilio casou com Rosalina
A' vontade dos paes e da menina,
Mas exigiu de dote mais um conto.

A. D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.



General Fernando Schwalbach

† em Lisboa, a 17-12-905

General reformado pertencente á arma de cavallaria,
e antigo governador no ultramar

O jogo em Monte-Carlo

V

O mundo feminino que frequenta os salões do jogo é ainda mais variado. A mulher honesta acotovella-se com a que o não é, sem que essa convívencia lhe seja penosa, e aquelle que quizer differenciar-se tem de observar muito, sobretudo quando ganha.

No azar distinguem-se um pouco: a mulher honesta vai se embora logo que não tem mais dinheiro para jogar, a outra fica e é então que passeia, e que conversa. Enquanto lhe dura o dinheiro, entrega-se unica e simplesmente á roleta, quando fica sem um sou passa a entregar-se aos homens: nos amores como no jogo é inconstante, passa de homem para homem como á roleta passa de numero em numero, até se so ficar n'aquelle que lhe dá mais a ganhar. Se é mais feliz com o 32 do que com o 13, perde a sua fortuna á ultima duzia; se um Barão é mais generoso do que um Príncipe, é com o primeiro que perde a sua noite.

Como *salage* de mulheres bonitas estes salões são de primeira ordem. Em parte alguma do mundo se reúnem com certeza tantos exemplares e tão variados de formosura. Todas as noites se renova a colleção porque todas as noites chegam carruagens de 1.ª classe carregadas de passageiros. Portanto ha variedade. Nem a *vitrine* do sr. Baeta Dias lhe ganha.

No dia em que visitei Monte-Carlo foi minha companheira de viagem uma senhora toda vestida de preto, de uma elegancia muito simples que entrara em Cannes no compartimento reservado para as damas. Ordinariamente n'estas viagens curtas entre as povoações do littoral e o principado de Monaco, esses compartimentos vão sempre vazios, e a razão é simples: a *cocotte* foge d'elle a sete pés, a senhora honesta não pôde lá entrar porque a acompanha o marido, o pae, o irmão, emfim qualquer parente. A entrada da tal dama para essa carruagem foi por isso notada.

Vae para Nice, pensei eu. Em Nice onde o comboio-omnibus demora sempre uns bellos sessenta minutos, apeou-se, entrou no *buffete* e pediu cognac. Uma hora depois, entrou de novo para a carruagem, e só na estação de Monte-Carlo se apeou.

Vae visitar alguém ou assistir ao concerto, tornei eu a pensar com os meus botões. Mas qual não foi a minha admiração quando ao entrar, passadas duas horas, nos salões do jogo, a vejo assentada a uma das mesas, sempre imperturbavel, sempre muito séria, a collocar com as suas finas mãos de *grande dama*, uns luizes nos diferentes numeros!

Uma *cocotte* disfarçada, calculei então; mas o meu espanto augmentou ao encontra-la d'ahi a dias, na *Promenade de la Croisette*, em Cannes, passeando dentro de um bello *landau* de onde tres *babies* rosados e louros sorriam alegremente.

E' a condessa de F... que habita o littoral. Esposa exemplar, mãe dedicadissima, tem apenas um defeito — gosta de jogar —. E como tem esse vicio, todos os dias ao meio dia é facil encontra-la na estação de Cannes a comprar bilhete de ida e volta para Monte-Carlo. A' noite volta sózinha, o seu *lundou* espera-a á porta da *gare*, e ella vai então jantar na doce companhia do conde e dos seus encantadores filhinhos.

Ao pé d'esta condessa deante da qual o alto mundo de Cannes — que é toda a aristocracia franceza que não vive em Paris — se curva reverente, encontra-se a grande *cocotte*, que arruina millionarios e que se acaba por arruinar a ella propria ao *rouge*! Fixamo-nos n'aquelle que pela riqueza do vestuario mais prende a attenção de todos. E' franceza, natural de Marselha mas parisiense já na pronuncia. E' alta, elegantissima, excepcionalmente bem modelada como plastica; no pescoço, nos braços, nas orelhas, uma infinidade de brilhantes, alguns de um valor enorme. E' uma *vitrine* de ourives ambulante. Joga pouco, ordinariamente faz muitos calculos, escreve muitos algarismos nos taes cartões em que já lhes fallei, mas faz poucas paradas. O que ella faz muito é mirar-se nos grandes espelhos que collocados nas paredes entre os quadros e as estatuas dão aos salões um bello aspecto de continuidade. De resto, não ha uma unica mulher alli que ao passar por um espelho, não tenha pelo menos que arranjar uma pluma dos chapéus ou um caracol do penteado. Nem uma só e digo-o, porque tive a paciencia de observar isso durante uma boa hora. Até uma velhinha ingleza, extraordinariamente magra e mais extraordinariamente feia, ainda ao passar por um d'elles, levou a mão tremula á sua singela touca preta que lhe dá um certo ar de duqueza-avó!

Esta velhinha arrisca de quando em quando os seus cinco francos; chega-se ao pé dos *croupiers* — é este o nome dos empregados que estão nas mesas — e entrega-lhe a moeda de prata, indicando-lhe onde a deve pôr. Se ganha, recebe logo a sua parada e vai dar uma volta; se perde não recebe nada e é claro mas dá a mesma volta pelos salões até se abeirar de outra mesa e ver se é mais feliz.

Estes *croupiers* são todos empregados de confiança e ainda ha seis annos deram prova de grande dedicação pelo estabelecimento que lhes paga. No Casino tem havido por diferentes vezes tentativas de roubo, algumas insignificantes, outras importantissimas. A maior foi em 1882. Perto da noite, hora a que a concorrência diminue sempre por causa do jantar, sentiu-se de repente uma serie de estalidos fortissimos. Toda a gente se levanta, as mulheres gritam, os homens tratam de se safar largando dinheiro, chapéus, e tudo. O gaz apaga-se logo n'uma confusão medonha cada um trata de chegar o mais depressa possível á porta do Casino, que fóra minado de bombas de dynamite.

Só ficaram nos salões, imperturbaveis e corajosos os *croupiers*, que taparam logo os montões immensos de dinheiro, impedindo assim que

o roubo projectado se fizesse. Estes empregados não podendo apanhar a Legião de Honra, apanharam fortes gratificações de milhares de francos. No dia seguinte o Casino estava fechado. As pessoas que residiam em Monte-Carlo tiveram medo e não foram lá. Era necessario a todo o transe impedir que o caso se divulgasse. Então a direcção installa-se em sessão permanente. De Monte-Carlo partem logo commissarios especiaes para junto de todos os jornaes mais importante da França, de Inglaterra e da Allemanha até. E graças á sua habillissima diplomacia essa tentativa de explosão fica no segredo, os viajantes recém-chegados começam a entrar nos salões e os que lá estavam na noite da explosão começam tambem a voltar e o movimento do Casino a seguir a marcha invariavel da sua prosperidade.

E' desde então que se tomaram novas precauções de vigilancia. De dia e noite um grupo de guardas vela pela estabilidade d'esse templo. Prohibiu-se a entrada com *pardessus* e bengalas. Além dos lustres do gaz collocaram-se outros de azeite para o caso de sinistro. Pelas salas passeiam de olho bem aberto outros tantos guardas e se algum visitante colloca por acaso o chapéu em cima de algum bano, veem logo examinar se dentro d'elle não está por acaso alguma bomba de dynamite. Este exame faz-se porque algumas das bombas de 1882 entraram lá dentro dos chapéus de coco.

Deve ainda dizer-se que a todos os jogadores que reclamaram o dinheiro deixado em cima das mesas se lhes pagou, e que alguns se limitaram apenas a reclamar e a receber, porque tinham tido o cuidado de guardar nas algebeiras. Mas o Casino não gosta de levantar questões; prefere pagar tudo.

Ainda não ha muitos mezes houve entre dois jogadores uma serio de disputa sobre uma parada ganha. Ambos a reclamavam e um, o que a guardava, resmungando parece que chamou ladrão ao outro. Este ouviu-o e furioso vem esperal-o á porta.

Cercam o logo diversas pessoas. A sua furia augmenta porque o insultador não apparece. N'isto chega se um empregado e entrega-lhe por parte da direcção o dinheiro correspondente á parada que este reclamava. Então dá-se um bello final d'acto.

O insultado, cholericco, agarra no pacote de dinheiro e atira-o ao chão, gritando que não era o seu dinheiro que queria já, mas o seu insultador.

Mas a direcção do Casino sempre solicita nos creditos do seu estabelecimento, tratou de dar fuga ao outro, e mais alguma coisa para sabir immediatamente de Monte-Carlo e não voltar lá tão cedo, evitando assim um dos muitos escandalos sempre ali imminentes e que são o eterno pesadelo dos grandes accionistas do Casino.

E o caso é que o homem safou-se. Foi dos poucos que ganharam á roleta em Monte-Carlo, porque lá ganha-se de diversos modos, ganha-se até perdendo-se tudo, como um rapaz russo que depois de se arruinar, se enamorou da filha de um dos maiores associados do Casino, a quem pediu a sua mão, que foi logo concedida juntamente com 400 mil francos de dote.

72 contos de réis, n'uma só parada já é bonito!

JOÃO COSTA.



Visconde de Gonçalves de Freitas

O mais antigo advogado da Madeira, onde se estreou no foro em 1855. Notavel tem sido a sua longa carreira parlamentar, já como deputado, já como par do reino electivo. Deve-se-lhe o primeiro golpe na escravatura, o primeiro grito pela liberdade da imprensa, e, ainda, entre outros memoraveis discursos, aquelle em que reivindicou para Portugal os direitos sobre Bolama, occupada pela Inglaterra havia 40 annos, iniciando assim a celebre questão diplomatica que, mais tarde, confirmou os seus argumentos.

Emprezarios de Theatros



Commendador Antonio Santos Junior
Emprezario do Colyseu dos Recreios



Luiz Alberto de Faria Guimarães
Emprezario da Companhia Lyrica no Porto

Se elle não existisse Lisboa inteira morria... de bocejo. Para goso dos olhos e recreio do espirito só elle tem a sciencia de lhe dar em alternativa estes accepies baratos... palhaços e musica.

El-rei será o homem mais discutido do paiz, como divulga o sr. João Franco, mas o homem mais conhecido e a quem o paiz é mais reconhecido, é elle — o Santos do Colyseu. D'onde se conclue que o paiz é justo e... grato.

Antigo «sportman», moderno emprezario, é uma das figuras typicas do Porto. É, coisa curiosa! é aos Petronius da cidade da Virgem, aos directores da elegancia, que tem cabido o monopolio das companhias lyricas. Vianna, o Cheira, de bohemia e saudosa memoria, morreu. Hoje vive, e succede-lhe com direitos conquistados, nas empresas lyricas, Faria Guimarães. É caso de parabens ao Porto.

THEATROS

D. Maria, O coração de Bocage. — Gymnasio, O olho vivo. — Rua dos Condes, As 20 mulheres do rei Avenida. — Trindade. — Príncipe Real. — Rato. — Colyseu dos Recreios

Se a empresa societaria de D. Maria se tivesse lembrado de resuscitar do seu archivo a alta comedia de Mendes Leal *Os primeiros amores de Bocage*, teria prestado ás boas lettras um valioso serviço e teria evitado bater a varias portas que não se abriam até chegar á do sr. Arthur Lobo d'Avila, que, para fazer uma obra menos que mediocre, não se poupou ainda assim a um *tour de force*.

Pois se havia tanto á mão a comedia primorosa de Mendes Leal, nome consagrado, que, na sua época, fórma logo abaixo de Garrett, se *Os primeiros amores de Bocage* tiveram tambem a consagração publica atravez da interpretação magnifica que lhe deram artistas como o pae Rosa, Santos, Emilia das Neves, Emilia Adelaide, Delphina e ainda outros de primeira plana, e se, em summa, essa comedia é um modelo de boa linguagem, de acção interessante, de estudo de uma época e de fidelidade no desenho de personalidades historicas, porque se não fez d'ella uma *reprise*, que nunca seria tão justificada como no momento em que n'uma festa nacional se consagrava o nome do nacionalissimo poeta.

Assim o sr. Lobo d'Avila, que não tem decerto ganhas no theatro as suas esporas de ouro, viu-se violentado a fazer uma peça para a qual o não chamavam nem vocação especial, nem inspiração propria, nem vontade espontanea?

O que succede a todas as obras litterarias feitas n'estas condições foi o que succedeu, salvando-se do naufragio a consciencia apenas do escriptor que levou até aos extremos o rigor da investigação e o respeito pela tradição historica, prejudicando por esta fórma a vida da acção theatral, o interesse dramatico do seu trabalho, a individualidade das figuras que se movem n'esses ultimos annos da vida de Bocage, tudo aquillo que o publico exige para lhe dar emoção, para lhe avivar o sentimento e para lhe encantar o espirito. E os proprios artistas parece haverem-se resentido d'essa falta na interpretação dos seus papeis, como se tão apagados os sentissem elles mesmos que tivessem por inutil o pretender dar lhes vida e relevo com a propria luz. Dahi tão apagado saiu o desempenho como apagada é a peça. D'ahi o insuccesso que não foi injusto e se teria evitado se alguém se houvesse lembrado de que já se havia representado com exito no mesmo theatro uma obra notavel, sobre o mesmo assumpto, firmada por um dos primeiros dramaturgos portuguezes!

A excepção de Brazão e de Carolina Falco parece-nos que todos os outros artistas de D. Maria entram no desempenho do *Coração de Bocage*, sendo de justiça que entre tantos salientemos os nomes de Ferreira da Silva, no poeta, Joaquim Costa, no Bersane,

Fernando Maia, no Pina Manique, Ignacio, no bailarino italiano, Adeline Abranches, Beatriz e Cecilia Machado, porque, se lhes era impossivel dar em scena a physionomia moral d'essas personagens, a sua feição historica, que caracterizou uma época interessante, confirmaram n'esse desempenho as qualidades artisticas de que n'outros papeis teem dado sobejas provas.

Temos no Gymnasio uma peça nova: *O olho vivo*, comedia allemã traduzida pelo sr. Xavier Marques, e escolhida por Joaquim d'Almeida para a sua festa.

Cheia de situações inverosimeis, como quasi todas as das comedias allemãs, interessa por isso mesmo, pelo embroglio das scenas, pelos imprevistos que se succedem, por ditos de um comico irresistivel, de que tiram effeitos seguros os artistas d'aquelle theatro e principalmente Joaquim d'Almeida, que prova, na diversidade dos seus papeis, ser um dos artistas de mais facultades que tem o theatro portuguez. Cardoso que conquistou as sympathias do publico, manifestadas em risos e palmas sempre que ali interpreta um personagem comico como o da peça allemã, Jesuina Saraiva, Virginia Farrusca e ainda alguns dos novos, que accentuaram a disposição para a scena em anteriores papeis esboçada.

Com todos estes matadores *O olho vivo* agradou e faz carreira.

Abriu a Rua dos Condes com a *reprise* da peça de grande espectáculo *As vinte mulheres do rei*, que satisfaz os olhos e o paladar dos que adoram aquelle genero theatral. D'esta vez o desempenho é correctissimo, sobretudo por parte de Roque, Antonio Salvador e Emilia de Oliveira, e o scenario e guarda-roupa acreditam a nova empreza, que com esta *reprise* começou o 17.º anniversario da reforma do seu theatro.

No Avenida a *Flor do Tojo*, na Trindade a *reprise* do *Gato Preto*, antes de subir á scena a *Bohemia*, arreglada por Eduardo Garrido, no Príncipe Real e no popular theatro do Rato as peças que fazem as delicias dos *habitués* d'essas casas de espectáculo, e finalmente no Colyseu dos Recreios as novidades que todas as semanas atraem Lisboa inteira áquella vastissima sala, sobresaindo entre todas a que se chama *Little Pick*, o celebre clown inglez — que mais quer a população lisboeta para passar estas frias noites de inverno? O theatro, não ha duvida, é o seu salvaterio e o seu recreio, é o melhor pedação da existencia allacinha, é a valvula por onde milhares de pessoas expectoram as suas melancolias todas as noites e dão vasante aos maus humores. Que viva, portanto, o theatro!

JAYME VICTOR.